

A NOVA DIREITA E AS GUERRAS CULTURAIS: UM ESTUDO DE CASO DA ATUAÇÃO DE ANA CAMPAGNOLO NO FACEBOOK

The new right and cultural wars: a case study of Ana Campagnolo's performance on Facebook

Cristian SPAREMBERGER

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
sparemberger@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4345-5297> 

Iann Endo LOBO

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
iannloboe@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7567-1894> 

Igor Campos DA SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
Igor.campos.sc@gmail.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-3994-8187> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

O presente artigo visa analisar os principais aspectos do discurso nas redes sociais de um quadro da “nova direita”, a Deputada Estadual de Santa Catarina Ana Campagnolo. Pretende-se contribuir para uma taxonomia dos pontos chave, pautas mais importantes e estratégias retóricas empregadas na tática de mobilização política da deputada. A análise é justificada, na medida em que Campagnolo é um quadro político e intelectual da ala ideológica do conservadorismo moral, associada ao bolsonarismo e à doutrina de Olavo de Carvalho. Utiliza-se o método de análise densa dos discursos e interações em sua página do Facebook e o recorte temporal de postagens, 11 de maio até 15 de novembro de 2020, equivalente a varredura de cerca de trezentas postagens. Após analisar, organizar e catalogar o material de pesquisa, concluiu-se que dentre a miríade de movimentos da “nova direita”, a deputada se encaixa na ala olavista, cujo centro ideológico é centrado na disputa por valores e costumes, no interior do contexto de guerra cultural e polarização que se encontra a situação política nacional, cujos eixos orbitam ao redor da crítica ao *globalismo*, a denúncia do *progressismo*, e a defesa do *cristianismo*.

PALAVRAS-CHAVE: Conservadorismo. Bolsonarismo. Redes sociais. Polarização. Moral

ABSTRACT

This article aims to analyze the main aspects of the discourse on social networks issued by a relevant agent of the “new right”, the deputy Ana Campagnolo. It is intended to contribute to a taxonomy of the key points, most important guidelines and rhetorical strategies used in the tactics of political mobilization of the political actor. The analysis is justified, insofar as Campagnolo is a leading political and intellectual figure of the ideological wing of moral conservatism, associated with Bolsonaroism and the doctrine of Olavo de Carvalho. It employs the method of dense analysis of speeches and interactions on her Facebook page. The time frame refers to the posts from May 11 to November 15, 2020, equivalent to around three hundred posts. After analyzing, organizing and cataloging the research material, it was concluded that among the myriad movements of the “new right”, the deputy fits into a specific wing, whose ideological center is centered on the dispute for values and customs, within the context of cultural war and polarization that is found in the national political situation, whose axes orbit around the criticism of globalism, the denunciation of progressivism, and the defense of Christianity.

KEYWORDS: Conservatism. Bolsonaroism. Social media. Polarization. Moral

1 INTRODUÇÃO

Muito se fala hoje do crescimento da “nova direita” no Brasil e no mundo. O termo é abrangente e serve de rótulo para uma variada gama de movimentos, ideias e atores políticos, incluindo desde populistas, nacionalistas, neoliberais, liberais, conservadores e reacionários. No Brasil, a discussão não é nova (PIERUCCI, 1987), mas proliferou a partir das jornadas de junho de 2013 e só aumentou a partir do impeachment da presidente Dilma Rousseff, 2016, e a eleição de Jair Bolsonaro, 2018. Apesar de a pluralidade de vertentes que compõem o movimento tornar esquivosa a sua apreensão, é fundamental que a tarefa de buscar esclarecimento sobre o fenômeno.

Sob esse pano de fundo, pretendemos analisar a narrativa de atores políticos da “nova direita” no Facebook, para compreender o enquadramento discursivo e as estratégias de mobilização que eles empregam e contribuir assim para uma taxonomia das ideias e táticas do movimento. Como se sabe, as redes sociais se tornaram meio decisivo para a dinâmica contemporânea do comportamento político, que influi na difusão de conhecimento, formação de identidade e decisão de voto por parte do eleitorado. Elas contribuíram para a ignição de movimentos políticos diversos ao redor do mundo, desde a primavera árabe (SALEM; MOUTARDA, 2011), a revolta dos girassóis em Taiwan (CHENG, 2015), o movimento *alt-right* nos EUA (HEIKILLÄ, 2017) e, é claro, as jornadas de junho de 2013 (MESSEMBERG, 2017) e a organização da nova direita (SALLES, 2017) no Brasil, além disso, mais da metade dos manifestantes nos movimentos de rua de 2016, contra e a favor do *impeachment* confirmaram “usar muito o Facebook para se informar sobre política” (SORJ et al, 2018 p.34).

De modo mais específico, não pretendemos analisar a gama imensa de vertentes da nova direita, mas nos concentraremos em uma parlamentar específica, Ana Campagnolo. A escolha pela deputada estadual de Santa Catarina pelo Partido Social Liberal foi motivada por algumas razões. A deputada Campagnolo é uma das líderes da ala conservadora de seu partido e na câmara. Sua trajetória política é profundamente marcada pela associação ao bolsonarismo. Campagnolo é, tanto quanto um quadro político, um quadro intelectual da nova direita, é graduada em história e cursou o mestrado na mesma área, além disso foi aluna do curso de filosofia de Olavo de Carvalho e dá cursos online sobre história, literatura e política, assim como contribuiu para a disputa ideológica da nova direita com seu livro *Feminismo: perversão e subversão* (2019). Em suma, a centralidade da deputada no interior

da nova direita brasileira a torna particularmente relevante para o objetivo de nossa pesquisa, principalmente por se destacar, diferente da maioria dos políticos, como quadro intelectual que contribui ativamente para criar, mobilizar e divulgar ideias de seu campo político.

A estrutura do artigo é tripartite. A primeira parte apresenta uma breve discussão e categorização da “nova direita”, de acordo com a bibliografia recente. A segunda discorre sobre as redes sociais e o acirramento da polarização política e seus efeitos para o regime democrático em tempos de guerras culturais no Brasil. A partir do estudo desses fundamentos teóricos da investigação, a terceira parte se reservou ao exame propriamente das postagens no Facebook de Campagnolo.

Para realizar a pesquisa optamos pelo método de análise densa das redes sociais. O foco da pesquisa incide menos sobre grandes agregados de dados quantitativos, e mais sobre a compreensão qualitativa das práticas, valores e discursos postados no Facebook, com o intuito de entender os principais enquadramentos, tópicos e estratégias narrativas. Nesse sentido, fizemos a varredura dos últimos seis meses de postagens, totalizando quase trezentos posts, dos quais classificamos em torno de cem como mais importantes para a investigação. Após analisar, organizar e catalogar esse material, identificamos os principais eixos discursivos da deputada, centrados basicamente no conservadorismo moral, quais sejam, a invocação do *ethos* ou identidade cristã, o antagonismo contra o progressismo, e a crítica ao globalismo. Notamos de igual modo a retórica enfaticamente polarizada que visa despertar o *pathos* ou sentimento de antagonismo com relação aos adversários políticos. Assim, pudemos concluir que a deputada se localiza dentro da dinâmica atual de guerras culturais como uma força particularmente ativa e militante.

2 AS NOVAS DIREITAS

Existe uma longa discussão a respeito do que constitui a “nova direita”, se há algum consenso na literatura é que o fenômeno é plural e escapa a definições simples, logo, seria mais preciso falar em “novas direitas”. De fato, ao olharmos com atenção a miríade de intelectuais, jornalistas, movimentos e atores políticos usualmente incluídos sob o rótulo da nova direita, percebemos antes um grupo heterogêneo e complexo. Se há um ângulo no qual o grupo aparece como uma unidade é no contraste com a esquerda. Afinal, o que poderia unir nomes como Luiz Felipe Pondé, João Pereira Coutinho, Miguel Reale, Olavo

de Carvalho, Rodrigo Constantino, Reinaldo Azevedo, Rachel Sheherazade, Felipe Moura Brasil, Kim Kataguiri, Fernando Holiday, Ana Campagnolo e Bolsonaro, senão o antagonismo com a esquerda? O antipetismo e a oposição à esquerda (MESSEMBERG, 2017) são características comuns presentes em meio a grande variedade de posicionamentos das novas direitas.

Uma análise mais detida evidencia a pluralidade das novas direitas. As tensões dentro do governo Bolsonaro, são um índice dessa heterogeneidade, pois encontramos ali a querela entre os mais diversos polos ideológicos, com destaque para as rugas entre as matrizes ideológicas-conservadoras, as liberais ou neoliberais e ala militar. De fato, a diferença de tonalidade entre Paulo Guedes e Olavo de Carvalho e Mourão reflete o multicolorido das vestes da nova direita. Como reconhece Lucas Berlanza (2017, p.243), ex-presidente do Instituto Liberal, a nova direita se trata de um “movimento profundamente plural”, e Pierucci (1987, p. 40) no mesmo sentido aponta que a nova direita é caracterizada por uma profusão de posições que “se interpenetram, reagem uma sobre a outra, se misturam às vezes, se fagocitam”. A nova direita se parece a sátira britânica estrelada pelo grupo de comédia Monty Python, *A vida de Bryan* (1979), que retrata frentes de resistência da Judeia fragmentadas em dezenas de subgrupos que vivem a se engalfinhar.

Outros pesquisadores mapearam o terreno da nova direita. Cepêda (2018), por exemplo, analisa como alguns intelectuais orgânicos, entendidos em termos da guerra de posição gramsciana, se organizam no campo da disputa ideológica. Na tentativa de classificar os tipos de novas direitas alguns pesquisadores desenharam tipologias diversas. Messenberg (2017) ao analisar os movimentos dos principais formadores de opinião e quadros da nova direita no contexto das redes sociais em 2015, identificou três “campos semânticos” que estruturam seu discurso, eles são: o “antipetismo” (inclui significantes como impeachment da Dilma, anticorrupção, crise econômica e bolivarianismo), o “conservadorismo moral” (tradição, cristianismo, patriotismo, anticriminalidade) e os “princípios neoliberais” (estado mínimo, privatização, empreendedorismo, meritocracia). Salles (2017) também se propõe a elaborar uma cartografia das novas direitas a partir das narrativas das redes, de modo complementar e mais detalhado, identifica e cataloga uma série de subgrupos: “conservadorismo guerra fria”, “conservadorismo liberal”, “conservadorismo moralista”, “liberalismo conservador”, “liberismo”, “liberal-social”, e o “libertariano”. A partir destas perspectivas se evidencia a complexidade de feixes que compõe a nova direita.

A frente nos deteremos no exame mais detido a respeito da localização do núcleo ideológico e das particularidades da vertente da nova direita representada por Campagnolo. Mas, antes de passarmos para o estudo de caso, nos deteremos sobre a discussão das redes sociais, seus impactos no comportamento político e como isso se expressa no Brasil e no mundo.

2.1 Redes sociais e polarização política

A invenção das redes sociais é frequentemente comparada a criação da prensa de Gutenberg, tamanho seu impacto nos padrões de consumo, entretenimento, informação e trabalho. Não foi diferente com a esfera do comportamento político. As novas mídias, como *Twitter*, *Instagram*, *WhatsApp* e o *Facebook* proporcionaram aos indivíduos uma relação personalizada com os meios de consumir informação, gerando consequências para a dinâmica política das democracias contemporâneas. As ciências sociais e as arenas do debate público são atualmente marcadas pelos dilemas que decorrem das novas mídias e das redes sociais digitais. Questões como controle de conteúdo nas redes, *fake news*, utilização de dados pessoais, algoritmos, polarização, discurso de ódio, tem suscitado novos estudos e discussões. Tanto sua relevância política, quanto sua natureza ainda muito nova, torna o estudo das redes sociais e da interação política proporcionada por elas cada vez mais necessário.

As pessoas utilizam de diferentes maneiras as redes sociais digitais para o engajamento político. Perante este contexto, cientistas argumentam que a internet facilita a mobilização política, porque proporciona o encontro entre pessoas anulando a distância geográfica, criando plataformas para o intercâmbio de ideias e elaboração de demandas, além de servir como meio de pressionar atores políticos através de campanhas de e-mail e petições. Por isso, os analistas mais otimistas enfatizam os ganhos que a internet ofereceu para a participação, informação e *accountability* política (MACINTOSH, 2004; VEDEL, 2003, MARCHISOTTI et al, 2016). De modo distinto, outros autores argumentam que as novas mídias originaram um efeito duplo, por um lado aumentaram o conhecimento político dos indivíduos interessados, assim como intensificaram o desconhecimento político dos cidadãos desinteressados. Tal fenômeno ocorre porque, diferente das mídias tradicionais, as novas mídias oferecem a cada pessoa o livre acesso ao conteúdo com o qual mais tem afinidade, de modo que é possível passar o dia entre vídeos de gatinhos no Youtube e



séries da Netflix, tanto quanto consumir catálogo variado de *podcasts* políticos e sites informativos (PRIOR, 2005).

Muitos comentam que as novas mídias incentivam a dinâmica da polarização política (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; MOUNK, 2018). Em contraste com as mídias tradicionais, jornais, revistas, rádios e noticiários televisivos, as novas mídias são descentralizadas, não possuem um processo de filtragem de informação. Qualquer um pode, a baixos custos, criar comunidades, fóruns e conteúdos na internet. Essa falta de controladores no processo de vinculação da informação prolifera vários tipos de discursos e narrativas políticas. Soma-se a isso o “efeito bolha” das redes sociais. As redes sociais apresentam a cada indivíduo um leque personalizado de conteúdo, de acordo com os interesses prévios manifestados por ele, essa é a função dos chamados “algoritmos” que organizam os *feeds* de notícia dos usuários do *Facebook*, por exemplo. É como se estivéssemos em uma caixa de ressonância de nossas próprias opiniões e gostos. Isso intensifica o partidarismo e a polarização, de forma que, segundo estudiosos das novas mídias, as redes que eram vistas “como um instrumento de debate coletivo, projetado para ajudar cada indivíduo a formar a própria opinião, pode produzir dinâmicas de polarização que desconhecem as nuances de posições individuais” (SORJ, et al., 2018, p.36)¹.

Cientistas do comportamento político afirmam ainda que o avanço da polarização e a consequente radicalização ideológica dos indivíduos é um fenômeno problemático. Entre os motivos, podemos destacar que a radicalização ideológica torna as pessoas mais suscetíveis a falsas informações, na medida em que o viés cognitivo causado pela ideologia tende a reforçar as próprias crenças e, assim, torna o indivíduo mais vulnerável a desinformação (NYHAN; REIFLER, 2010 LAVAREDA, 2009). A polarização e o partidarismo acentuados tende a comprometer a qualidade da democracia, na medida em que dificulta a possibilidade de consensos, tornando a sociedade cada vez mais dividida (SHAPIRO; BLOCH-ELKON, 2008).

O processo de polarização no Brasil é por muitos interpretado sob a chave das guerras culturais, conceito cunhado por Hunter (1991) utilizado para se referir ao contexto das disputas políticas e culturais que se acirraram nos Estados Unidos ao final da década

¹ Não obstante, vale notar que há pesquisadores que identificam um raciocínio excessivamente simplista nos discursos acadêmicos e midiáticos atuais a respeito das redes sociais e no emprego de metáforas conceituais como “bolhas” ou caixas de ressonância. Apontam, nesse sentido, para o exagero que se comete ao atribuir causalmente às redes sociais fenômenos como a polarização política. Segundo eles, esse tipo de fenômeno é muito mais complexo, antecede as novas mídias e existe desde muito. De modo que ainda muita pesquisa empírica é necessária para avaliar suas reais fontes. Ver Bruns (2019).

de 1980 e perduram até os tempos atuais. As guerras culturais se configuram em uma dinâmica de disputa política que tem em seu centro o embate entre visões de mundo antagônicas, fundamentadas em valores morais opostos. Hunter (1991) argumenta que a disputa consiste em duas perspectivas: de um lado, os tradicionalistas ortodoxos, comprometidos com uma autoridade moral fundamentada nos costumes e nas tradições; de outro lado, os progressistas, que se alinham ao espírito da era moderna, embasando-se no racionalismo e no subjetivismo.

No contexto das guerras culturais o debate político tende a ser conduzido majoritariamente abarcando valores vividos como absolutos pelos guerreiros da cultura, envolvendo questões como gênero, aborto, legalização das drogas, religião e imigração. Desta forma “é difícil encontrar um meio-termo em um debate que envolve valores morais”, pois dificilmente uma negociação pode ser atingida “entre uma pessoa que acredita que interromper uma gravidez é equivalente a cometer um assassinato e outra que pensa que a mulher deve ter autonomia plena sobre seu corpo” (SORJ et al, 2018, p.40-41). Logo, é característico das guerras culturais que o debate ganhe contornos maniqueístas na forma de oposições binárias (CHAPMAN, 2010), fato agravado pela própria natureza das controvérsias morais.

Perante o contexto social e político hodierno brasileiro, é dito que “estamos vendo no Brasil e em outros países uma expansão mundial das guerras culturais que tomaram os Estados Unidos” (GALLEGO; ORTELLADO; MORETTO, 2017, p. 36). No caso específico do Brasil as guerras culturais se intensificaram a partir do segundo turno das eleições presidenciais de 2014 (SOUZA; AZEVEDO, 2018). Nesse contexto, Ana Campagnolo participa como protagonista da guerra cultural conservadora e sua conta no Facebook é um meio de propagar e mobilizar correligionários e apoiadores. Vejamos como isso se manifesta em suas práticas nas redes.

3 ESTUDO DE CASO

Para nosso estudo de caso investigamos as narrativas do Facebook da Deputada Estadual Ana Campagnolo. Em síntese, a trajetória política de Campagnolo é marcada pelo engajamento com as ideias de Olavo de Carvalho e pela proximidade a figura de Jair Bolsonaro. Em decorrência de sua participação no movimento Escola sem partido, seu nome já era conhecido em meios políticos, principalmente no campo mais conservador.



Contudo, foi em 2018, na onda do voto no 17, motivado pela popularidade do nome de Bolsonaro, que Campagnolo se elegeu ao primeiro cargo público, como deputada estadual de Santa Catarina pelo PSL. Junto do parlamentar Jessé Lopes, a deputada compõe o núcleo de alunos de Olavo de Carvalho na câmara. Segunda ela, desde 2009 é aluna do curso online de filosofia de Olavo de Carvalho, a quem proferiu uma homenagem em forma de moção de aplauso em sessão da câmara (CAMPAGNOLO, 2019b). Com razão, Salles (2017) a classificou no que chamou de espectro do “conservadorismo olaviano”. O “olavismo” ganhou destaque no panorama político nacional, com a eleição de diversos de seus discípulos no último pleito, além das indicações de nomes por parte de Olavo a cargos ministeriais da República e do financiamento de redes de informação e notícias de seus asseclas. Assim, ao buscarmos compreender os discursos de Campagnolo, visamos ganhar, em última instância maior conhecimento desse movimento mais amplo que ela integra, a veia olavista da nova direita.

Restringimos a análise ao material postado nos últimos seis meses (11 de maio até 15 de novembro, 2020), nesse ínterim a deputada realizou em torno de trezentas postagens, das quais selecionamos quase cem como relevantes para o nosso estudo. Na seleção do material relevante privilegiamos discursos com maior riqueza de enquadramentos, ou seja, que melhor representam a visão de mundo e as estratégias de mobilização da deputada. Deixamos de lado assuntos do dia a dia como a discussão de Projetos de Leis muito específicos, processo de impeachment do governador Moisés, propagandas de cursos online da deputada, fotos de familiares, entre outros conteúdos que não tangenciam o interesse da pesquisa.

Os discursos da deputada se fundam em uma visão de mundo coerente, na qual amigos e inimigos são demarcados no interior de uma dinâmica de política internacional polarizada. Os inimigos, sob sua ótica, são os detratores do cristianismo, os opositores do Ocidente, o globalismo, o foro de São Paulo, a ideologia de gênero, os comunistas, os progressistas, as feministas, e os movimentos identitários. Os amigos são os cristãos, os conservadores e os defensores da família, da vida e do liberalismo econômico. Mas, essencialmente, o que encontramos presente no jogo de discursos criados pela deputada são os valores referentes a família, sexualidade, infância e cultura. Podemos dizer que, em tempos de guerras culturais, Ana Campagnolo é um soldado combativo.

Vejamos como esses elementos se articulam em sua narrativa. Começamos pelo significativo mais recorrente, o cristianismo. Treze das postagens selecionadas trouxeram à tona o cristianismo como mobilizador central. É evidente que utilizar o nome de Deus é

interessante para a construção daquilo que Aristóteles denominava *ethos*, ou “caráter pessoal do orador” (2011, p.45), de qualquer político, sobretudo no contexto social brasileiro, no qual prevalece a fé cristã, uma vez que católicos e evangélicos compõem quase 90% da população nacional (IBGE, 2010). Porém, acentuamos a perseverança e a forma como o cristianismo é retomado no caso de Campagnolo, pois ele é utilizado de modo a suscitar um instinto de defesa no público. Exemplos são as postagens de denúncia contra o atentado a Igreja da Assunção, no Chile, incendiada por sujeitos que Campagnolo conceituou como “terroristas anticristãos ligados a grupos feministas e esquerdistas” (CAMPAGNOLO, 2020, 19/10); a denúncia contra o “regime comunista” cubano que ameaça as liberdades religiosas das “igrejas cristãs” (ibidem, 13/08); o apoio aos católicos poloneses que “defenderam a Igreja de Santa Cruz [...] de ativistas pró-aborto que tentaram interromper a missa” (ibidem, 26/10); a comemoração do cristianismo no Irã que, mesmo diante da “perseguição” que sofre, se expande (ibidem, 28/09); a recordação dos mártires de Córdoba que no século IX “foram executados por acusações contra o Islã” (ibidem, 27/07), entre outros. Dentro dessa pauta, a deputada apresentou também a PL 74.8/2019 que “proíbe e multa o vilipêndio contra a fé e contra os símbolos religiosos cristãos” (ibidem, 15/06). Em suma, a estratégia retórica visa despertar um certo *pathos*, sentimento específico no ouvinte, que contribui para a eficácia persuasiva do discurso (ARISTÓTELES, 2011, p.45). O sentimento é de angústia, medo e necessidade de defesa dos valores cristãos frente a injúrias e ataques sofridos. Paixões úteis para a mobilização política do eleitorado cristão, pois visa conclamar a necessidade de uma ação urgente frente aos denominados inimigos do cristianismo, sejam eles progressistas, comunistas ou muçulmanos.

A pauta “pró-vida” ou “anti-aborto”, somada ao tópico da “ideologia de gênero”, do anti-feminismo, e das críticas aos movimentos de minorias identitárias são também recorrentes e formam um bloco de quase trinta postagens. Optamos por tratar em bloco esses temas devido a sua intrincada relação. Antes de ser deputada, Campagnolo ficou conhecida pelas polêmicas envolvendo, segundo ela, casos de perseguição ideológica por parte de colegas e professores durante o seu mestrado em história pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Após se tornar parlamentar, Campagnolo publicou um livro crítico, *Feminismo: perversão e subversão* (2019a). Eis que essa é uma pauta cara a ela, a ideologia de gênero. A denominada ideologia de gênero apresenta-se para a deputada como um movimento de subversão e erotização das crianças, associado a intelectuais e movimentos políticos, que militam em prol da “pedofilia”, como Sartre, Beauvoir, Foucault e

Derrida (CAMPAGNOLO, 2020, 19/06). Ademais a ideologia de gênero, diz ela, liga-se a casos de misandria, como o do menino Rhuan, mutilado “pelo par de lésbicas que o criava” para que se tornasse menina (ibidem, 17/08).

De acordo com Campagnolo, enquanto os valores tradicionais são minados, os valores progressistas são “pulverizados pela militância esquerdista”, a ideologia de gênero entra nos currículos das escolas e serve de base para a doutrinação das crianças. Por isso, a deputada exorta os interlocutores: “Se não formarmos um anticorpo social contra todas essas tentativas de subverter a ordem civilizacional, iremos padecer de maneira irremediável” (ibidem, 20/10). Contra tudo isso, a deputada protocolou o projeto “302.1/2019 – Infância sem pornografia” para o combate da “imposição da ideologia de gênero nas escolas.” (ibidem, 29/10).

Relacionado a ideologia de gênero, o feminismo aparece como uma “ideologia anticristã” e “progressista” (ibidem, 22/07) cujas pautas incluem “a progressiva e ‘progressista’ abolição da masculinidade em nossa cultura” (ibidem, 15/07), “destroça qualquer relacionamento sem piedade” (ibidem, 14/06) e, diz ela, “ameaça” as famílias que são “a base de qualquer sociedade saudável” e promove aborto (ibidem, 04/08). Este último é especialmente combatido pela deputada Campagnolo a partir de uma visão de mundo fundada na moral cristã. Nesse sentido, os filósofos que defenderam o aborto são “inimigos da criação, são arautos da destruição” (ibidem, 08/10), assim como, ensina a deputada, “ou você é cristão ou abortista. Os dois não dá” (ibidem, 27/10). Essa retórica de Campagnolo é consoante com o espírito das cruzadas, para o qual o mundo é dividido entre aqueles que professam a verdadeira fé e os inimigos hereges. Além de movimentos sociais e grupos feministas, o aborto também seria, segundo Campagnolo, promovido por organizações multilaterais e *think tanks* internacionais, os ditos agentes culturais do globalismo.

O globalismo é outro dos pilares fundamentais do discurso da deputada. Ao menos dez postagens tangenciam o problema. Do grupo dos globalistas participam, segundo Campagnolo, “uma confluência de organismos burocráticos (ONU, FMI, FEM, OMS, BCE, entre outros)” (ibidem, 06/08), “Bilionários do Vale do Silício, de Wall Street e de Hollywood, locais sabidamente impregnados de ‘progressistas’” e “o famigerado globalista George Soros” (ibidem, 05/08), cuja fundação “Open Society”, ao lado da “fundação Ford” e outras, “investe em políticas em prol da militância feminista, liberação de drogas e afins” (ibidem, 22/10). Logo, o globalismo se trata de uma elite internacional cujo intento é estabelecer uma “nova ordem mundial”, onde os estados nacionais serão gradualmente suprimidos até o poder ser totalmente absorvido por uma tecnocracia centralizadora” (ibidem, 06/08). Os

atores globalistas, acrescenta, fazem o papel de “agentes culturais” que minam as bases valorativas do Ocidente judaico-cristão e fomentam a “célula cancerígena” do “aborto, desarmamento, feminismo, socialismo, comunismo etc” (ibidem, 22/10). A metáfora utilizada e recorrente do corpo saudável e da doença é sintomática, pois remete de forma contundente a retórica da polarização, na qual o adversário político e ideológico é colocado como a doença a ser extirpada.

Ao lado do globalismo, Campagnolo alerta seu público ainda para a existência de outro mal internacional, o Foro de São Paulo, uma congregação das lideranças de esquerda latino-americanas, alinhadas com o *think tank* Diálogo Interamericano, sediado em Washington e responsável “pela implementação estratégica de políticas sociais-democratas e globalistas para a América Latina” (ibidem, 05/11). Ligados ao Diálogo Interamericano estariam políticos como FHC, Lula, Marina Silva, Henrique Meirelles, a ex-presidente e o atual presidente do Chile, Michelle Bachelet e Sebastián Piñera, o ex-presidente colombiano, Juan Manuel Santos, o “mesmo que selou ‘acordo de paz’ com os narcoguerrilheiros das FARC” (ibidem). Por outro lado, o foro de São Paulo integraria dirigentes sindicais, ONGs, movimentos sociais da esquerda latino-americana que se estendem da Argentina ao México, com a finalidade de formar um bloco de unidade de ação. Opostos a essa confluência internacional prejudicial, a deputada elenca a figura de Jair Bolsonaro e sua defesa da soberania nacional e da Amazônia, e a “coalizão pela vida”, grupo de trinta e dois países que assinaram a declaração “contra o aborto e a favor da família” (ibidem, 25/10).

Destacamos os três eixos estruturantes do discurso da deputada Campagnolo: o cristianismo, a pauta de costumes (anti-feminismo, anti-aborto, anti-ideologia de gênero), e o globalismo. Também é imprescindível pontuarmos outros temas e questões que orbitam seu repertório narrativo: Anti-comunismo, Olavo de Carvalho, pró-armamento, anti-politicamente correto e identitarismo, crítica a arte moderna, críticas à grande mídia, defesa do homeschooling, liberalismo econômico.

Ainda, a deputada acrescenta ao escopo de seu discurso uma atenção considerável a figuras intelectuais e eventos históricos. Dentro disso, os intelectuais e filósofos citados positivamente são os conservadores ingleses E. Burke, C.S. Lewis, G. Chesterton, além de nomes nacionais como Roberto Campos, José Bonifácio. Os criticados são, em especial intelectuais franceses socialistas ou inspiradores da contra-cultura, como M. Foucault, S. Beauvoir, J.P. Sartre, J. Derrida; outros nomes incluem P. Neruda, Marx, Peter Singer. Entre as figuras políticas citadas de modo positivo estão M. Thatcher, D. Trump, Bolsonaro

e Enéas Carneiro, ao passo que os criticados são revolucionários como Trotsky, Mao Tsé-Tung, Stalin, Mussolini, Hitler e políticos da esquerda brasileiros de centro e da esquerda em geral. Nesse sentido, a deputada se vale de seu capital intelectual para garantir um toque de intelectualismo ao seu discurso.

É notável que o tema econômico pouco aparece nos discursos da deputada. Mas quando acontece é no sentido de criticar o excesso de intervenção do Estado no mercado e defender o liberalismo econômico. Por exemplo, quando critica o atual “governo socialista” da Argentina que pratica “congelamento de preços, o aumento de impostos, ameaças de estatização de empresas e a perspectiva de calote da dívida externa” (ibidem, 14/07), ou quando cita e utiliza a imagem de Roberto Campos, notório economista liberal, em seu post (ibidem, 10/07). Há algum descompasso entre esse tópico e o uso da imagem de Enéas Carneiro, político folclórico, fundador do Partido de Refundação da Ordem Nacional (PRONA), que era favorável a uma forte presença do Estado na economia, que vez ou outra marca presença nas postagens de Campagnolo. Não obstante, é seguro dizer que a economia está longe de ser a principal preocupação da deputada. A disputa por valores é seu terreno por excelência nas guerras culturais, no qual carrega a bandeira do conservadorismo moral.

Em análise final, constatamos que o discurso da deputada é centrado, sobretudo, na pauta do conservadorismo moral e dos costumes. O antipetismo e o liberalismo econômico, questões que Messenberg (2017) afirma também integrarem o tripé ideológico dos movimentos da nova direita no Brasil, aparecem nas posições de Ana Campagnolo, contudo, com menor ênfase. O antipetismo aparece nas críticas ao foro de São Paulo, e o liberalismo econômico, também se faz presente, como vimos, mas em menor grau. Assim, fica claro que o conservadorismo moral é o grande centro da mobilização discursiva da deputada, a partir dele emanam sua invocação do *ethos* cristão, seu anti-progressismo e sua oposição ao globalismo. Sua retórica é contundente e eficaz em mobilizar apoiadores, visa a demarcação clara entre amigos/inimigos, nós/eles e desperta um *pathos* aguerrido em seu público. Essas características, isto é, o foco no embate moral e nas oposições binárias, são traços da dinâmica de disputa das guerras culturais. Logo, Ana Campagnolo e o conservadorismo, representado por ela, podem ser muito bem compreendidos dentro dessa chave interpretativa como agentes políticos das guerras culturais. Aliás, em função de sua natureza profundamente religiosa e sua forte inclinação ao antagonismo polarizado poderia se dizer que Campagnolo se encaixa no quadro da nova direita de tipo cruzadista, ou o que Salles (2017) classificou como o “conservadorismo olaviano”.



4 CONCLUSÃO

Através da análise densa, investigamos o discurso da deputada Campagnolo, notória representante da nova direita brasileira, no intuito de contribuir para uma taxonomia de uma parte específica da “nova direita”. Dentre a grande diversidade de grupos e vertentes ideológicas de movimentos classificados sob o rótulo da nova direita, em última análise, podemos enquadrá-la no grupo cuja pauta central é voltada a moralidade e aos costumes. Campagnolo segue nesse sentido, a cartilha da disputa ideológica olavista.

Em conclusão, vale notar que Campagnolo não dá sinais de compactuar com o reacionarismo hostil às instituições liberais, destarte permanecendo dentro dos limites do conservadorismo capaz de conviver com a ordem liberal democrática. Não podemos afirmar, em vista das evidências analisadas, que ela se alinhe com aquelas infelizes alas mais histriônicas da direita brasileira que pautam temas como fechamento do STF, atacam a mídia e a independência republicana dos poderes. Está ausente de seu vocabulário o ataque aos princípios da constituição. Não obstante, ao final, cabe nos perguntarmos se a polarização acirrada incentivada por seu discurso, apesar de não advogar em favor da subversão autoritário de nosso regime constitucional, é saudável ao modo de vida democrático.

É possível imaginar quem diga que a polarização é antes um tonificante para a democracia, pois ela engajaria as pessoas no debate público, chacoalharia o torpor e a apatia individualista e faria aumentar a paixão pela política. Essa posição que tende a colocar os termos do debate sob a lógica do antagonismo entre amigo/inimigo perpassa o espectro político da esquerda à direita e é presente na economia global da vida democrática. No entanto, na medida em contribui para reduzir a discussão política por meio de ataques caricaturais, aprisiona o pensamento em palavras de ordem e semeia inimizade entre os cidadãos, são altamente questionáveis os efeitos da polarização para a qualidade do regime. Sendo este um dos maiores dilemas contemporâneos da democracia.

Claro que não pretendemos ao longo desse artigo responder a esse questionamento, mas fizemos dele um primeiro passo para avaliar como o contexto da guerra cultural contribui para a polarização e formação da mobilização política, a partir do caso específico de Campagnolo. Muito trabalho empírico e teórico é preciso para avaliarmos com devida circunspeção a problemática mais ampla. Porém, é válido darmos a palavra e reflexão

final ao filósofo liberal conservador (MERQUIOR, 2014) Ortega y Gasset que dizia que “La forma que en política ha representado la más alta voluntad de convivencia es la democracia liberal”, e acrescentava, “El liberalismo - conviene hoy recordar esto - es la suprema generosidad: es el derecho que la mayoría otorga a la minoría y es, por lo tanto, el más noble grito que ha sonado en el planeta.” (1983, p.192).

REFERÊNCIAS

A Vida de Brian. Direção de Terry Jones. Londres: EMI Films, 1979. (94 min.).

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BERLANZA, Lucas. **Guia bibliográfico da nova direita**: 39 livros para compreender o fenômeno brasileiro. São Paulo: Resistência Cultural, 2017.

BRUNS, Axel. **Filtros-Bolha são Reais?** Entrevista com Axel Bruns. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2019/08/23/filtros-bolha-sao-reais/?utm_source=Farol+Jornalismo+Newsletter&utm_campaign=630f4abf4d-EMAIL_CAMPAIGN_2019_08_26_07_40&utm_medium=email&utm_term=0_ab9279c0d3-630f4abf4d-269682125>. Acesso em 03 de julho de 2021.

CAMPAGNOLO, Ana. **Feminismo: perversão e subversão**. Campinas: Vide Editorial, 2019a.

CAMPAGNOLO, Ana. **Página oficial do Facebook da deputada Ana Campagnolo**. Facebook. 11 mai 2020 – 15 nov 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AnaCampagnolo>>. Acesso em 20 nov 2020.

CAMPAGNOLO, Ana. **Prof. Olavo de Carvalho | Dep. Ana Campagnolo**. 2019b. Publicado pelo canal Deputada Ana Campagnolo. 1 vídeo (8:45 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Oe-c4NQHjo&list=PLsamKQrADwWd3W2HiWMj4p75w_p5DZ6zS&index=6&t=0s&app=desktop. Acesso em: 25 nov. 2020.

CEPÊDA, Vera. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 75-122, 2018

CHAPMAN, Roger. **Culture Wars**: An Encyclopedia of issues, Viewpoints, And Voices. New York: M.e. Sharpe, Inc., 2010.

CHENG, Tracey. Taiwan's Sunflower Protest: Digital Anatomy of a Movement. In: Nishant Shah, Puthiya Purayil Sneha, Sumandro Chattapadhyay (Hg.): **Digital Activism in Asia Reader**. Lüneburg: Meson Press, p. 87– 97, 2015.

GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. **Em Debate**: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p.35-45, ago. 2017. Disponível em: <<http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf>>. Acesso em: 10 de nov, 2020.

HEIKILLÄ, Niko. Online Antagonism of the Alt-Right in the 2016 Election. **European journal of American studies** [Online], p. 1-22, 2017.

HUNTER, James Davison. **Culture Wars**: The Struggle to Define America. New York: Basic Books, 1991.

IBGE. **CENSO 2010**. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

LAVAREDA, Antonio. **Emoções ocultas e estratégias eleitorais**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009,

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **How democracies die**. New York: Crown Publishing Group. 2018.

MACINTOSH, Ann. Characterizing e-participation in policy-making. In **System Sciences, Proceedings of the 37th Annual Hawaii International Conference on IEEE**, p.10, 2004.

MARCHISOTTI, Gustavo; VILANOVA, Ana; RUST, Barbara; CARVALHO, Rodrigo. A participação política do cidadão sob o enfoque teórico da Tecnologia da Informação. **Revista tecnologia e Saúde**, Curitiba, v.12, n.24, p. 1-26, 2016.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n, 3, 2017.

MERQUIOR, J. **O liberalismo antigo e moderno**. São Paulo: É Realizações. 2014.

MOUNK, Yascha. **The people vs. Democracy**. Cambridge: Harvard University Press. 2018.

NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. When Corrections Fail: The Persistence of Political Misperceptions, **Political Behavior**, vol. 32, no. 2, p. 303–330, 2010.

ORTEGA Y GASSET, Jose. **Obras Completas V**. Madrid: Alianza/Revista de Occidente. 1983,

PIERUCCI, Antônio. As bases da nova direita. **Novos Estudos** São Paulo, n.19, p. 26-45, 1987.

PRIOR, Markus. News vs. Entertainment: How Increasing Media Choice Widens Gaps in Political Knowledge and Turnout. **American Journal of Political Science**, v. 49, n. 3, July, 577–592, 2005.

SALEM, Fadi; MOURTADA, Racha. Civil Movements: The Impact of Facebook and Twitter. **Arab Social Media Report**, Dubai, v.1, n.2, p.1 - 30, 2011.

SALLES, Leonardo Gaspar. **Nova Direita ou Velha Direita com Wi-Fi?: Uma interpretação das articulações da “direita” na internet brasileira**. 2017. 173 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2017

SHAPIRO, Robert; BLOCH-ELKON, Yaeli. Do the Facts Speak for Themselves? Partisan Disagreement as a Challenge to Democratic Competence, **Critical Review**, vol. 20, no. 1–2, p. 115–139, 2008.



SORJ, Bernardo; CRUZ, Francisco Brito; SANTOS, Maíke Wile dos; RIBEIRO, Marcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. **SOBREVIVENDO NAS REDES GUIA DO CIDADÃO**. São Paulo: Plataforma Democrática, 2018. Disponível em: http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Sobrevivendo_nas_redes.pdf. Acesso em: 01 out. 2020

SOUZA, Mailson Fernandes Cabral de; AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de. Guerras Culturais e Formações Imaginárias da Polarização Política Brasileira: Um Estudo Discursivo. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 5, n. 4, p.209-226, 2018.

VEDEL, Thierry. Political communication in the age of the Internet. **Routledge Research in Cultural and Media Studies**, n. 10, p. 41-59, 2003.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

A nova direita e as guerras culturais: um estudo de caso da atuação de Ana Campagnolo no Facebook

Iann Endo **LOBO**

Doutorando em Sociologia e Ciência Política

Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Sociologia e Ciência Política, Florianópolis, Brasil
iannloboe@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-7567-1894>

Igor Campos **DA SILVA**

Mestrando em Sociologia e Ciência Política

Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Sociologia e Ciência Política, Florianópolis, Brasil
igor.campos.sc@gmail.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-3994-8187>

Cristian **SPAREMBERGER**

Mestre em Sociologia Política - UFSC

Pesquisador Independente

sparemberger@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4345-5297>

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: I. E. Lobo

Coleta de dados: I. E. Lobo

Análise de dados: I. E. Lobo, I. C. Da Silva, C. Sparemberger

Discussão dos resultados: I. E. Lobo, I. C. Da Silva, C. Sparemberger

Revisão e aprovação: I. C. Da Silva, C. Sparemberger

FINANCIAMENTO

CAPES e CNPQ em forma de bolsas de pesquisa.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a **Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional (CC BY)**. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de](#)



Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 23 de fevereiro de 2021

Aprovado em: 4 de julho de 2021

